

NO ENSAIO DA ‘ESCRITA DE SI’: A ESCRITURARASURADA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Fabiana RodriguesCARRIJO
(PPGEL/UFU/LEDIF)
E-mail:facarrijo@gmail.com

Resumo: Este artigo pretende se ocupar da escrita singular de Carolina Maria de Jesus, especialmente, na obra intitulada **Quarto de Despejo – diário de uma favelada** (1960) que ao assumir uma função/posição-sujeito dentre tantas outras possíveis em conformidade com Foucault (2009) opta por esquadriñar o relato do dia a dia, permeado pela mesmice dos fatos e repetível na dificuldade de sobrevivência. Os dias são e serão sempre iguais assim como as expressões iniciais de cada dia anotado. Nesse sentido, o sujeito-autor, enquanto instância passível de ser atribuído um estatuto e, conseqüentemente, uma responsabilidade e/ou ainda uma punição toma para si a difícil e singular tarefa de relatar os dias. Faremos, ainda, uma breve incursão teórica em torno do conceito de gênero discursivo e esta tomará por base o pensamento bakhtiniano com o intuito de melhor elucidar sobre ‘a escrita de si’, nos moldes foucaultianos. Dessa forma, insiste-se, aqui, que os estudos fundados em Bakhtin se constituem base referencial para a base teórica deste trabalho representada pelos postulados foucaultianos. Nesse exercício de leitura quatro textos são balizares: **O que é o autor?** (FOUCAULT, 2009); “A escrita de si” (FOUCAULT, 2009), **O livro por vir** (BLANCHOT, 2005) e **Estética da Criação Verbal** (BAKHTIN, 1997).

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; Escrita de Si; Rasurada

1-Considerações Iniciais

... Não, não, eu não estou onde você me espreita, mas aqui de onde o
observo rindo. (FOUCAULT, 2008, p.19)

Carolina Maria de Jesus, não o sujeito empírico, mas, efetivamente, o sujeito discursivo, toma para si a tarefa de anotar os dias, relatá-los em sua mesmice e preservá-los do esquecimento, do tempo inexorável, na tentativa de reter o instante vivido. No quarto de despejo (a favela), que era pequeno demais para abrigar/dar guarida a um sujeito histórico/ideológico/social marcado/singularizado por suas inscrições políticas e ideológicas, Carolina esquadriña a possibilidade de tecer um diário que, a par de anotar as aflições/apoquentações do dia a dia, desvela as agruras de seus irmãos de cor e, em última instância, de todos os favelados. O sujeito em sua função e/ou posição de autoria se vale da ‘escrita de si’ como forma de preencher sua solidão, assim encontra nos cadernos encardidos, ou melhor, nas fissuras dos cadernos encardidos, a premente necessidade e garantia de preservar os dias anotados.

Segundo Foucault (2009, p.130) a ‘escrita de si’ atenua os perigos da solidão e dá o que se viu ou pensou a um olhar possível; pode, ainda, em uma analogia, representar aquilo que os outros são para o asceta em uma comunidade, sê-lo-á o caderno de notas para o solitário. No caso de Carolina, ela desejava sonhos mais auspiciosos, não somente preservar os dias, mas dá a conhecer a *outrem* as mazelas de que ela e seus irmãos favelados eram vítimas, ambicionava mudar o curso da história, modificar o circundante e, ainda, fazer justiça frente ao mundo tão repleto de injustiças sociais, aliás, estas(as injustiças) configuram-se pauta dos dias não só do livro acima mencionado como ainda de outro, a saber: **O Diário de Bitita**(2007).

Carolina Maria de Jesus ao ocupar a posição de um sujeito autor intui qual o seu papel frente ao mundo circundante, tanto assim o é que tem o desejo de mudar de sexo para melhor representar o seu país, já que sendo mulher talvez esta tarefa seria mais absorvente. Vejamos os enunciados¹ abaixo:

(1) Não tenho força física, mas as minhas palavras ferem mais do que espada. E as feridas são incatizáveis. (Quarto de Despejo,1960,p.49²)

(2) ...Aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver. Mas quem manifesta o que sofre é só eu. E faço isso em prol dos outros.(QD,p.36)

(3) ...Há de existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá... isto é mentira! Mas, as misérias são reais. (...) O que eu revolto é contra a ganancia dos homens que espremem uns aos outros como se espremisse uma laranja. (QD,p.47)

(4) ...Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a História do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Então eu dizia para a minha mãe:

_ Porque a senhora não faz eu virar homem?

Ela dizia:

_ Se você passar por debaixo do arco-iris você vira homem.

Quando o arco-iris surgia eu ia correndo em sua direção. Mas o arco-iris estava sempre distanciando. Igual os políticos distante do povo. (QD,p.54-55)

1.1-A escrita rasurada em Quarto de Despejo

Se a escrita de Carolina Maria de Jesus é rasurada, certamente, porque deixa entrever as regularidades e tentativas de inscrição/circunscção em um mundo exterior em queda função autoriaserá/é exigida a afeição à norma padrão da língua. Cônica do papel que lhe

¹ - O enunciado aqui será tomado na acepção que lhe dá Foucault (2008, p.31-32): “é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. Trata-se de um acontecimento estranho, por certo: inicialmente porque está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas por outro lado, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, ou na materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro; em seguida, porque é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação, finalmente, porque está ligado não apenas a situações que o provocam, e a consequências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem”.

² - Doravante, apenas QD, seguido do número da página, já que todos os excertos são e serão retirados da 1ª edição de Quarto de Despejo, 1960.Cumprir mencionando que essa obra não passou por uma revisão gramatical; nesse sentido os referidos excertos entremostam as singularidades de um sujeito autor que enquanto sujeito empírico, pertencente a uma dada comunidade, só cursou até o segundo ano primário, em uma Escola Espírita de Sacramento denominada Allan Kardec.

seria exigido para ser aceita em um intitulado cânone, a saber, o literário, Carolina – enquanto sujeito-autor – tenta se valer deste experimento de inscrição nos moldes acadêmicos em voga. Contudo, ao arriscar-se a aventura de ser aceita e pertencer a esta denominada academia, deixa os rastros de suas titubeantes/cambaleantes inscrições no código estabelecido como letrado, pois, seguramente, os dois anos cursados no antigo primário jamais garantiriam tal pertencimento, mesmo para alguém tão autodidata.

Insistimos na acepção *rasurada* para evidenciar que o exercício da escrita de si é (des)velador desta tentativa do sujeito autor de se apossar de um código de língua padrão para agradar e/ou para ser aceita em uma dada comunidade acadêmica cujo passaporte de entrada ou convite, entenda-se, carta de aceite, seja, seguramente, dominar a língua (em sua modalidade padrão). É por isso ou em razão disso que encontramos vocábulos atípicos para alguém com tão pouca escolaridade, a saber: afluíram-se, andrajosa, fétidas, ósculos.

É *rasurada*, ainda, porque o sujeito em sua posição de autoria tenta escrever os relatos dos dias sempre miseráveis. Cada dia é a repetição de todos os dias anteriores e posteriores – a luta pela sobrevivência. O dia principia com a busca pela água, a tarefa de preparar o café e/ou a refeição para as crianças, o ofício de catar lixo e trocá-lo por gêneros alimentícios, se encerra, ao cair da noite, com a tentativa de contabilizar o saldo que se revela sempre devedor (o lixo transformado em moeda de troca não dava para suprir as necessidades primárias, como a alimentação). O final do dia se estendia como última tarefa anotar os dias nos cadernos encardidos, alinhavados por certo lirismo e chamuscados de dor, em uma linguagem que escapa aos dias miseráveis, já que como pontuara Marisa Lajolo (1996) no prefácio ao livro **Antologia Pessoal**, Carolina Maria de Jesus se vale em sua escritura das intituladas lantejoulas, que seria uma alusão aos vocábulos raros, incomuns para um sujeito empírico com tão pouca escolaridade.

Nesse sentido, é que realizamos, aqui, um trocadilho: contabilizar os dias miseráveis em uma linguagem extremamente metaforizada, com emprego das denominadas lantejoulas, luxo ao escriturar o lixo; requinte ao inventariar o cotidiano humilde; quarto de despejo – refúgio de um sujeito em posição de autoria – que ambicionava driblar os dias com o lirismo pungente de alguém que por *in illo tempore* queria mais. Queria ser poeta, reconhecidamente poeta, a despeito de ter sido conhecida como a autora de diário.

Destarte, os desejos do sujeito discursivo são da ordem do devir, do vir a ser, do tornar-se, quem sabe um dia, seus textos ganhariam um estatuto – fundador de uma autoria e, poderiam, como assim o foram, especialmente a obra ora pesquisada, **Quarto de Despejo**, expediente para algumas mudanças históricas e culturais conforme acepções pontuadas por Foucault (2008, p.15) de que a história é da ordem da descontinuidade, da liberdade, das rupturas, das controvérsias, das mobilidades:

[...] uma história que não seria escansão, mas devir; que não seria jogo de relações, mas liberdade; que não seria forma, mas esforço incessante de uma consciência em se recompor e em tentar readquirir o domínio de si própria, até as profundezas de suas condições; uma história que seria, ao mesmo tempo, longa paciência ininterrupta e vivacidade de um movimento que acabasse por romper todos os limites.

Discorre-se, aqui, sobretudo nas linhas acima, sobre as possíveis expedições de um sujeito-autor que engendrou um diário que virou/tornou-se um best-seller na década de 1960. Insistimos, neste artigo, que os feitos de Carolina Maria de Jesus são da ordem do devir, pois que seus diários, seus escritos são: fundadores de uma discursividade; delineadores de uma ‘escrita de si’ singularizada, por uma escritura *rasurada* que tenta se inscrever nos moldes de

uma língua padrão, contudo, deixa ver nas fissuras dos cadernos encardidos³ as inscrições outras de um sujeito empírico tatuado por efeitos de uma historicidade e uma exterioridade onde os acessos aos meios educacionais foram regradados. A despeito do restrito acesso aos meios de produção cultural/educacional, as ações desse sujeito empírico e o seu desejo de mudar o circundante impulsionaram-no a ousar o risco: ler e escrever ainda que fossem ofícios atípicos para semi-escolarizados, favelados, catadores de lixo e negros.

(5)...Estive revendo os aborrecimentos que tive êsses dias (...) Suporto as contingências da vida resoluto. Eu não consegui armazenar para viver, resolvi armazenar paciência. (QD,p.19)

(6) _Está certo. Quem dorme no albergue Noturno são os indigentes. Não tem recurso e o fim é mesmo nas malocas, e Você, que diz nunca ter dormido no Albergue Noturno, o que veio fazer na maloca? Você era para estar residindo numa casa própria. Porque a sua vida rodou igual a minha?

Ela disse:

_ A unica coisa que você sabe fazer é catar papel.

_ Eu disse:

_ Cato papel. Estou provando como vivo! (QD, p.21)

Com as pesquisas no campo da história nova, da psicanálise, da linguística, especialmente com os trabalhos na Análise do Discurso, um novo sujeito se apresenta, desta feita, incompleto, descentrado, não cartesiano, passível de deslocamento, de inscrições várias, de filiações diversas. Desse modo, o sujeito em sua posição de autoria (des)vela em **Quarto de Despejo** as singularidades de um sujeito inconcluso, sujeito às movimentações da exterioridade, um sujeito autor que ao descrever um sujeito personagem e, ao recorrer a um sujeito narrador, o faz a partir de uma inscrição em que o sujeito é e se permite ser cambiante, tanto assim o é que, na referida obra, esboça-se uma personagem que a despeito de ser porta voz dos favelados, em muitos momentos, também se vale, paradoxalmente, de sua condição de escritora para relatar as lambanças, os deslizos destes mesmos favelados, seus irmãos de cor e de sina.

(7) Hoje é a Nair Mathias quem começou imprecisar com os meus filhos. A Silvia e o espôso já iniciaram o espetaculo ar livre. Êle está lhe espancando. E eu estou revoltada com o que as crianças presenciaram. Ouvem palavras de baixo calão. Oh! Se eu pudesse mudar daqui para um nucleo mais decente. (QD, p.15)

(8) Fui torcer as minhas roupas. A D. Aparecida perguntou-me:

_ A senhora está grávida?

_ Não senhora _ respondi gentilmente.

E lhe chinguei interiormente. Se estou grávida não é de sua conta. Tenho pavor destas mulheres da favela. Tudo quer saber! A lingua delas é como os pés de galinha. Tudo espalha. Está circulando rumor que eu estou grávida! E eu, não sabia! (QD, p.15)

³ -Não há aqui, de nossa parte, ao recorrermos ao vocábulo encardido, nenhuma acepção pejorativa, trata-se, ao revés, de deixar evidente que os cadernos em que Carolina – enquanto sujeito-autor – tecia o seu dia (preservando assim o dia vivido) era realizado nos cadernos retirados do lixo, por isso eram/estavam amarelecidos pela ação do tempo inexorável.

(9) _ Os meus filhos estão defendendo-me. Vocês são incultas, não pode compreender. Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos. (QD, p.21)

(10)É que eu estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com êsse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela. Não tenho tempo para ir na casa de ninguém. (QD,p.28)

(11)...Os favelados todos os anos fazem fogueiras. Mas em vez de arranjar lenha rouba uns aos outros. Entram nos quintais e carregam as madeiras de outros favelados. (...) Eu tinha um caibro, eles levaram para queimar. Não sei porque é que os favelados são tão nocivos. (QD, p.71)

3-Esquadrinhando uma ‘escrita de si’ pelos meandros do gênero discursivo memorialístico, a saber, pelos diários íntimos

Quarto de Despejo – diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus, antes de ser um relato real da vida de alguém, é um gênero discursivo nas acepções elencadas por Bakhtin⁴. Nesse sentido será sobre este viés que o presente artigo também deverá se ater, paralelamente ao relato sobre ‘a escrita de si’. Esta se constitui, tão somente, em uma leitura entre tantas outras possíveis. Trata-se, aqui, de pesquisar sobre a escrita de si, com base nas propostas foucaultianas, sobretudo, no texto de título homônimo: “A escrita de si”, como também “A vida dos homens infames” – ambos pertencentes ao livro: **O que é um autor?** com o objetivo de realizar uma análise discursiva que levasse em conta as singularidades da tessitura de **Quarto de Despejo**, em que nas fissuras dos cadernos encardidos se faz evidenciar uma ‘escrita de si’ ímpar que a par de colocar como pauta a vida miserável/desafortunada das pessoas sem grandes e nobres feitos traz para as discussões, na década de 1960, um discurso sobre as marginalidades, sobre os miseráveis, sobre a vida dos personagens sem importância e, assim, instaura, um discurso⁵ outro para além do categorizável, para além das convenções, para além do reconhecido, legitimado.

Em razão disso, funda/estabelece em ‘devir’⁶ um tipo de escritura singularizada, distanciada dos modelos em voga intitulados como canônicos, a saber, a escrita livre, sem

⁴ “Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana” [...] “Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gênero do discurso*.” (BAKHTIN, 1997, p.279. grifos do autor)

⁵ - Discurso aqui será retomado a partir das asseverações de Foucault (2008, p.54-55): “[...]Os discursos tais como podemos ouvi-los, tais como podemos lê-los sob a forma de texto, não são, como se poderia esperar, um puro e simples entrecruzamento de coisas e de palavras: trama obscura das coisas, cadeia manifesta, visível e colorida das palavras; gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva.

⁶ - Insistimos na possibilidade do devir, pois que, a exemplo do que já postulara Foucault (2008, p.50): “[...] não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época; não é fácil dizer alguma coisa nova; não basta abrir os olhos, prestar atenção, tomar consciência, para que novos objetos logo se iluminem e, na superfície do solo, lancem, sua primeira claridade. Mas esta dificuldade não é apenas negativa; não se deve associá-la a um obstáculo cujo

excessos, o vocabulário comum, sem erudição, com palavras de uso cotidiano, já que a escola literária vigente era contrária ao elitismo, ao verso esculpido, cadenciado, perfeito. Carolina – enquanto sujeito em posição de autoria – desestabiliza o posto, inaugura um discurso singular para ousar dizer da vida dos desafortunados. Talvez por esta razão, em seu evidente afastamento do modelo apregoadado na época, esse sujeito tenha encontrado nos diários íntimos, um afugentamento necessário, ainda que incompatível com os ditames da academia. Assim, por ora, importa considerar **Quarto de Despejo** como um gênero discursivo intitulado memorialístico. Segundo Mathias:

O gênero memorialístico inclui fundamentalmente as memórias, as autobiografias, certas correspondências e os diários, porque em todas estas expressões a memória representa o elemento primacial que lhes serve de traço comum. Partilham também o facto de se centrarem na pessoa do autor, privilegiando o olhar individual, pois que é dele, e da sua singularidade, que decorre todo o resto. (MATHIAS, 1997, p.41)

Mathias ainda acrescenta que:

Desde logo, convém sublinhar que o exercício autobiográfico se situa na perspectiva do tempo que procura exumar e reconstruir. Retrospectiva ordenada quase sempre em função de critérios cronológicos, apresenta-se como um todo e como um todo pretende ser considerada. Esta busca de unidade constitui o mais específico da exigência autobiográfica. (MATHIAS, 1997, p.41)

Evidencia-se na discursividade⁷ caroliniana uma singularidade que aqui, para efeitos teórico-metodológicos intitulamos de escrita rasurada para fugir ao nome já estabelecido/firmado nos estudos de base literária ao denominá-la de poética de resíduos⁸. Entendemos tal como Bakhtin:

Que não há razão para minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso e a conseqüente dificuldade quando se trata de definir o caráter genérico do enunciado. Importa, nesse ponto, levar em consideração a diferença essencial existente entre o gênero de discurso primário (simples) e o gênero de discurso secundário (complexo). [...] a distinção entre gêneros

poder seria, exclusivamente, de cegar, perturbar, impedir a descoberta, mascarar a pureza da evidência ou a obstinação muda das próprias coisas; o objeto não espera nos limbos a ordem que vai liberá-lo e permitir-lhe que se encarne em uma visível e loquaz objetividade; ele não preexiste a si mesmo, retido por algum obstáculo aos primeiros contornos da luz, mas existe sob as condições positivas de um feixe complexo de relações.”

⁷ - “Tomamos a discursividade, por definição, como o lugar que nos permite observar os efeitos materiais da língua, enquanto sistema passível de jogo, na história. Resulta desse jogo que a produção de sentidos é marcada necessariamente pelo equívoco.” (ORLANDI, 2001b, p.132)

⁸ - E também por acreditarmos que a obra de Carolina Maria de Jesus – não somente aqueles textos que foram publicados, mas outros que se encontram ainda não revelados ao público na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro – não é, não seja, evidentemente, pura poética de resíduos. Carolina, enquanto sujeito empírico, com uma dada escolaridade, com profissão não reconhecida, ainda assim, tinha projetos literários, tanto assim o é que deixou sob os cuidados de sua filha Vera Eunice, vários gêneros discursivos escritos e não publicados. Não se trata somente de uma poética de resíduos, há, seguramente, um projeto que se não fora levado ao extremo, é porque fora impossibilitado por fortes coerções socioeconômicas, culturais e acadêmicas que ajudaram a silenciar autora e obra nos escaninhos do esquecimento. Na Biblioteca Nacional é possível ter acesso aos manuscritos desta autora, são aproximadamente 37 (trinta e sete) cadernos ainda não publicados e, ainda, não separados por gênero discursivo, fora o manuscrito de Diário de Bitita que se encontra em Paris, a versão que temos no Brasil é traduzida do francês, o original se encontra na França, já que o referido livro fora organizado e lançado na terra natal da prefaciadora de Diário de Bitita, uma jornalista francesa.

primários e gêneros secundários tem grande importância teórica, sendo esta a razão pela qual a natureza do enunciado deve ser elucidada e definida por uma natureza de ambos os gêneros. Só com esta condição a análise se adequaria à natureza complexa e sutil do enunciado e abrangeria seus aspectos essenciais. Tomar como ponto de referência apenas os gêneros primários leva irremediavelmente a trivializá-los. A inter-relação entre os gêneros primários e secundários de um lado, o processo histórico de formação de gêneros secundários do outro, eis o que esclarece a natureza do enunciado (e, acima de tudo, o difícil problema da correlação entre língua, ideologias e visões do mundo) (BAKHTIN, 1997, p.281 e 282)

Escrita rasurada é um termo impresso⁹ por nós para sugerir/incitar a tentativa do sujeito-autor de mesclar/imiscuir gêneros primários e secundários em sua discursividade; sobretudo, ainda, porque o referido sujeito-autor também se vale do processo de reescritura com o intuito de tentar legitimar/autorizar a sua produção, circunscrevendo-a ou tentando circunscrevê-la nos limites imprecisos do gênero discursivo autorizado/legitimado pelos ditames da academia. Tarefa inglória, pois, esta do sujeito-autor, já que desconhecendo a chancela para se infiltrar nos meios acadêmicos, se vale, justamente, dos modelos parnasianos, dos vocábulos raros, da tentativa de criar rimas, quando o modelo de literatura aceito na década de 1960 era avesso aos moldes parnasianos, contrário às rimas, antagônico ao vocabulário incomum.

Realizando um paralelo entre os estudos de Bakhtin (1997) e Mathias (1997), poderíamos acrescentar que a escrita autobiográfica não tem um fim, encontra-se a exemplo do herói bakhtiniano inacabada/inconclusa não no sentido de ser disforme, mas no sentido primeiro de não haver nunca um fim absoluto, embora seja este o grande e maior desafio do gênero memorialístico: a busca da unidade. “Quem, contudo, a pode dar por finda?” (MATHIAS, 1997, p.42). Se, como proferimos, a escrita autobiográfica não tem um fim, encontra-se inacabada, assim também o é o sujeito, em ininterrupta movência e/ou ainda como diria Bakhtin um sujeito atravessado por outros, já que em sua voz outras vozes ressoam; e/ou ainda um sujeito em via de assujeitamento, na medida em que, ao ser interpelado se assume enquanto sujeito, como diria Pêcheux.

Se a empreitada não se encontra finda, quer seja, a de concluir o diário íntimo, outro fantasma também parece ameaçar a escritura do sujeito-autor é o seu comprometimento com o calendário, com os acontecimentos do dia, ser-lhe fiel, ser-lhe parcimonioso, ser-lhe devedor. Assim, não haveria tão somente aquela gratuidade, aquela liberdade do sujeito-escritor ao escrever o seu diário. Para muitos escritores que se ocupam da tarefa de sistematizar as características de um diário íntimo, entre eles, Blanchot (2005, p.270):

O diário íntimo, que parece tão livre de forma, tão dócil aos movimentos da vida e capaz de todas as liberdades já que pensamentos, sonhos, ficções, comentários de si mesmo, acontecimentos importantes, insignificantes, tudo lhe convém, na ordem e na desordem que se quiser, é submetido a uma cláusula aparentemente leve, mas perigosa: deve respeitar o calendário. Esse é o pacto que ele assina. O calendário é seu demônio, o inspirador, o compositor, o provocador e o vigilante. Escrever um diário íntimo é colocar-se momentaneamente sob a proteção dos dias comuns, colocar a escrita sob essa proteção.

⁹ - Este termo aparece não com todas as acepções a serem listadas e aferidas aqui, mas encontra-se em uma citação no trabalho de SOUSA (2004).

Do mesmo modo, Carolina Maria de Jesus – sujeito-autor tece a circunstancialidade dos seus dias, sempre iguais, sobretudo, na luta pela busca da sobrevivência e no cuidado com os filhos. A exterioridade também é pauta para a tessitura dos diários¹⁰: os problemas sociais, econômicos, a ganância dos comerciantes, as promessas vãs dos políticos que retornam à favela de quatro em quatro anos, enfim os fatos cronológicos, as misérias que assolam os favelados tudo se constitui em mote, em pauta para a discursividade anunciada/tecida pelo sujeito-autor. É sobre estas condições de produção que o sujeito discursivo constitui a pauta para os diários, em especial, **Quarto de Despejo** – materialidade linguística para o presente artigo.

A escrita rasurada do sujeito-autor também o é não só no processo ininterrupto de por fim a uma obra, mas, sobretudo, porque se vale de inúmeros gêneros discursivos para alinhar o diário íntimo. Assim, como em princípio anunciamos, delinear a constituição dos sujeitos perpassados por atravessamentos diversos, de ordem jurídica, econômica, política, social, ideológica é tarefa árdua, mas não impossível. Diríamos mais, esta é a tentativa de pontuar as singularidades da escritura de Carolina Maria de Jesus, recorrendo aos aportes teóricos discursivos.

Retomando as discussões sobre a escrita rasurada de Carolina Maria de Jesus gostaríamos, *a priori*, de deixar evidente que a acepção rasurada não traz aqui nenhuma conotação pejorativa de nossa parte. Trata-se, antes, de elencar as singularidades de uma escritora que para além das ausências de políticas culturais e educacionais em nosso país, conseguiu, “em devir”, se destacar, em meio as suas limitadas possibilidades financeiras, econômicas e culturais e trouxe à baila uma exterioridade espaço-temporal que talvez passasse despercebida por outros sujeitos discursivos que não tinham e não teriam as especificidades de Carolina Maria de Jesus.

Tanto o diário é inacabado como o sujeito na pós-modernidade e, ainda, para os estudos pautados tanto na psicanálise quanto ainda na AD são devedores desta predicação. Desta forma, poderíamos, ainda, elencar a exemplo das considerações foucaultianas de que:

margens de um livro jamais são nítidas nem rigorosamente determinadas: além do título, das primeiras linhas e do ponto final, além da configuração interna e da forma que lhe dá autonomia, ele está preso em um sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases: nó em uma rede. (FOUCAULT, 2008, p.26)

Em meio à *secura* da vida dos infelicitados, em meio aos desgraçados dias dos favelados, em meio à vida escassa, desdita, sem ventura dos moradores dos quartos de despejo, se faz ver uma analogia com **A vida dos homens infames**, de Foucault (2009, p.89-128), salvaguardadas as inúmeras diferenças entre as condições de produção deste ou daquele texto. Conquanto haja, uma passível confluência entre um e outro, a despeito das diferenças de época, local e razões que impulsionaram vir à tona uma e outra obra, sob a garantia e legitimação do poder que concebia possível um discurso dos desditosos desde que sob o aval legítimo do poder, através das *lettres de cache*. Assim, se antes a vida dos sem importância não era digna de nota com estas intituladas *lettres de cache* era possível legitimar e pedir ao monarca que tomasse as providências cabíveis para este ou aquele caso.

Em regra, as *lettres de cache* se constituíam em pedidos de súplica para interditar esta ou aquela pessoa, condenar este ou aquele indivíduo por algum delito inapropriado para

¹⁰ - Assim como Orlandi entendemos que “no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação.” [...] As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados.” (ORLANDI, 2001a, p.21)

aquela ocasião. Eram redigidas por vizinhos, por familiares com a ajuda desta ou daquela pessoa que melhor conhecia as letras, por isso, essas *lettres de cache* representam paralelamente o relato dos desafortunados, uma espécie de suplício, uma reivindicação sobre como proceder diante daquele problema que ali se redigia e que, naquele exato momento, era dado a conhecer ao rei, que de posse das informações deveria dar um destino aquele caso.

Destarte, o silêncio e a vida sem importância passaram assim a ter certa notoriedade, já que, mediante o poder do rei, receberiam, fatidicamente, uma sentença, um destino.¹¹ Normalmente, *as lettrés de cache* entremostravam o poder soberano do rei que poderia convalidar/legitimar esta ou aquela sentença mediante os relatos contidos nessas. O poder sempre legitimando ou invalidando as singularidades de um discurso dos desditosos desde que permeados das marcas do poder, desde que levados à consciência de um monarca, para que houvesse possibilidade de se tornarem discurso dos desvalidos, dos seres de muitas cinzas e diversas obscuridades.

Desse modo, ao recorrermos aos postulados de Foucault (2009, p.115), poderíamos acrescentar que:

[...] a soberania política vem inserir-se ao nível mais elementar do corpo social; de sujeito a sujeito – trata-se, por vezes, dos mais humildes - , entre os membros de uma mesma família, em relações de vizinhança, de interesse, de profissão, de rivalidade, de amor e de ódio, é possível fazer valer, além das tradicionais armas da autoridade e da obediência, os recursos de um poder político que tem a forma do absolutismo; cada um, se souber jogar o jogo, pode tronar-se face ao outro um monarca terrível e sem lei: *homo homini rex*; uma cadeia política inteira vem entrecruzar-se com a trama do quotidiano.

As personagens desditosas de **Quarto de Despejo – diário de uma favelada** fazem lembrar em simbiose as regras impostas pelo próprio Foucault (2009, p.93-94) que justificasse nos dizeres desse autor a possibilidade de discorrer sobre os relatos dos infames, dos desditosos:

Foi para reencontrar algo como aquelas existências-clarão, como aqueles poemas-vida, que impus a mim mesmo um certo número de regras simples: _ que se tratasse de personagens realmente existentes; _ que essas existências tenham sido ao mesmo tempo obscuras e desafortunadas; _ que fossem contadas em algumas páginas, ou melhor algumas frases, tão breves quanto possível; _ que tais relatos não fossem simples anedotas estranhas ou patéticas, mas que de uma maneira ou de outra (porque eram queixas, denúncias, ordens ou relatórios) tenham realmente feito parte da história minúscula, da sua raiva ou da sua duvidosa loucura; _ e que do choque dessas palavras e dessas vidas ainda nos venha um certo efeito no qual se misturam beleza e assombro.

Não fora senão sobre estes personagens realmente existentes que Carolina, na figura de autor, de narrador e ainda de personagem, faz entremostram aos leitores que as histórias ali são reais, faz a conhecer a todos os leitores o nome de sua personagem e indica-lhe até o seu

¹¹ - “O sistema de *lettre de cachet* – enclausuramento não passou de um breve episódio: não mais de um século e localizado na França somente. Nem por isso é menos importante na história dos mecanismos de poder.” (FOUCAULT, 2009, p.114). Para maiores especificações conferir o texto que tem por título *A vida dos homens infames* que se encontra editado no livro denominado **O que é um autor?**

número de identidade. Todos os relatos são um misto de obscuridade e de extrema desventura. Em muitos momentos o sujeito-narrador inveja os animais que possuem mais o que comer que os próprios seres humanos: “Fiquei com inveja dos peixes que não trabalham e passam bem.” (QD,p.60)

Seguindo ainda estas regras sugeridas por Foucault (2009) ao tomar nota da vida dos homens infames, ainda resta esta intrínseca correlação entre a beleza e assombro. Talvez a beleza estivesse nos verdes sonhos do sujeito-autor ao mudar o curso da história e ainda um discurso prenhe de lantejoulas, quer seja, de um certo requinte, ao tratar das desgraças humanas, sob diversas ordens.

Em outro livro, não menos interessante que este, Foucault (2006, p.134), ao tecer sobre a ‘escrita de si’, o faz recorrendo ao princípio da analogia entre os Hypomnemata e as Correspondências. A despeito das inúmeras divergências e até confluências entre uma e outra o fato é que a ‘escrita de si’ desvencilha o sujeito da solidão. Devolve-lhe a possibilidade do sujeito-autor colocar como pauta a rotina de seus dias. Assim, Foucault retoma Plutarco e lembra-nos que a ‘escrita de si’ funciona como treino de si, a escrita tem uma função etopoiética: é um operador da transformação da verdade em ethos. Os Hypomnemata “constituíam uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas: ofereciam-nas assim, qual tesouro acumulado, à releitura e à meditação ulterior.” (2006,p.135)

Foucault ainda acrescenta (2006, p.136):

Os hypomnemata não deveriam ser encarados como um simples auxiliar da memória, que poderiam consultar-se de vez em quando, se a ocasião se oferecesse. Não são destinados a substituir-se à recordação porventura desvanecida. Antes constituem um material e um enquadramento para exercícios a efectuar frequentemente: ler, reler, meditar, entretar-se a sós ou com outros, etc.

Em outro momento, este mesmo autor pontua sobre a necessidade de se diferenciar os diários íntimos e/ou relatos de experiências espirituais (tentações, lutas, fracassos, vitórias) que podem ser encontrados largamente na literatura cristã anterior. Assim, os hypomnemata tratam-se “não de perseguir o indizível, não de revelar o que está oculto, mas, pelo contrário, de captar o já dito; reunir aquilo que se pôde ouvir ou ler, e isso com uma finalidade que não é nada menos que a constituição de si” (FOUCAULT,2009,p.137).

(12) Cheguei em casa, fiz o almoço para os dois meninos. Arroz, feijão e carne. E vou sair para catar papel. Deixei as crianças. Recomendei-lhes para brincar no quintal e não sair na rua, porque os péssimos vizinhos que eu tenho não dão socêgo aos meus filhos. Saí indisposta, com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa. Não tem o privilegio de gosardescanço. Eu estava nervosa interiormente, ia maldizendo a sorte(...) (QD, p.14)

(13) O João José veio avisar-me que a perua que dava dinheiro estava chamando para dar mantimentos. Peguei a sacola e fui. Era o dono do Centro Espirita da rua Vergueiro 103. Ganhei dois quilos de arroz, idem de feijão e dois quilos de macarrão. Fiquei contente. A perua foi-se embora. O nervoso interior que eu sentia ausentou-se. Aproveitei a minha calma interior para eu ler. Peguei uma revista e sentei no capim, recebendo os raios solar para aquecer-me. Li um conto. Quando iniciei outro surgiu os filhos pedindo pão. Escrevi um bilhete e dei ao meu filho João José para ir ao Arnaldo comprar um sabão, dois melhoraes e o resto do pão. (QD, p.14)

(14) ... Uma menina por nome Amalia diz a mãe que o espirito lhe pega. Saiu correndo para se jogar no rio. Varias mulheres lhe impedio o gesto. Passeio o resto da tarde escrevendo. (QD,p.25)

(15)**9 de maio...** Eu cato papel, mas não gosto. Então eu penso: Faz de conta que eu estou sonhando. (QD, p.30)

(16)...Aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver. Mas quem manifesta o que sofre é só eu. E faço isto em prol dos outros. (QD, p.36)

(17) Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (QD, p.37)

(18)**12 de junho** – Eu deixei o leito as 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa pensar nas miserias que nos rodeia. (...) Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que residio num castelo cor de outro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. (QD, p.59)

(19)A favela ficou quente igual a pimenta. (QD,p.75)

Por outro lado, mas seguindo as tentativas de realizar uma análise discursiva, no /e ou pelo presente artigo, não poderemos nos furtar daquilo que, por ora, constitui a singularidade dessa escrita de si. Carolina enquanto sujeito-autor recorre a um sujeito-narrador que vai, paulatinamente, (des)velar as desventuras, as agruras de uma personagem que é favelada, catadora de lixo, negra, semi-escolarizada e que não raras vezes é facilmente confundida com a posição autor e até mesmo com a posição de personagem. Em inúmeros momentos o sujeito-autor tenta se valer de dados do sujeito empírico, do sujeito do mundo para atestar a veracidade de seu testemunho, como também insiste em sua especificidade ao proferir que é sempre ela a relatar o que acontece com os favelados, como fora entrevistado nos fragmentos acima elencados.

O sujeito Carolina Maria de Jesus em suas diversas posições, quer seja, na de narrador e de personagem se (re)vela fragmentário, movediço, escorregadio, em alguns momentos se identifica com os moradores do quarto de despejo, em outros, ao revés, ameaça delatar os deslizos desses ao dizer que está escrevendo um livro e que ali está pontuando o dia a dia na favela.

Carolina, por um processo também de (des)identificação não se aproxima da *sala de estar* (a cidade, os habitantes ricos desta cidade) e toma para si, a exemplo do que ocorrera com a sua personagem e com a narradora, o espaço deslocado do *quarto de despejo*, consubstanciando, assim, o que Pêcheux (1997, p.155) já afirmara ao citar Althusser de que “o sujeito é desde sempre ‘um indivíduo interpelado em sujeito’.” Carolina, enquanto sujeito empírico é interpelada pela/ na Ideologia, em posição sujeito e, neste caso, ao ser interpelada, cria, uma fabulação que ao retratar as agruras dos favelados, é capaz de borrar em sua escritura, por meio de sua escrita de si, um lugar possível, um lugar social, uma formação discursiva que manifesta suas inscrições sociais, políticas, religiosas, estético-retóricas singulares.

Dessa forma, Carolina Maria de Jesus – *sujeito* – quefora/é/ está/se encontra, ininterruptamente, interpelada pela exterioridade, sendo esta, a ideologia, a história, o lugar social, cultural, as concepções estilístico-retóricas do que lhe fora dado/ensinado e

compreendido enquanto efeitos estilísticos. Por intermédio da memória discursiva, este sujeito esquadrinha uma especificidade de sua produção literária em constante relação dialógica com a exterioridade. A exterioridade não somente *o espaço físico, quarto de despejo*, mas entendendo-se/tomando-se, aqui, o social, o ideológico, o histórico, que serve de figuração não só para seu objeto literário, mas, frequentemente, lhe dita o tom, (re)velando-nos, esboçando-nos um retrato de mulher, de sujeito-autor, sujeito-narrador e sujeito-personagem borrado/chamuscado pelas interpelações diárias em que convocam/chamam o sujeito à existência.

Retomando o que, até bem pouco tempo, estávamos esboçando e, ainda, nos valendo dos trabalhos de Foucault sobre a ‘Escrita de Si’ (2009, p.141) cumpre evidenciar que:

A escrita como exercício pessoal praticado por si e para si é uma arte da verdade contrastiva: ou, mais precisamente, uma maneira reflectida de combinar a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade da verdade que nela se afirma e a particularidade das circunstâncias que determinam o seu uso.

Carolina na ação de recortar¹² e recontar os seus dias se vale tanto dos textos lidos quanto dos fatos vividos e experimentados. E, nesse processo ininterrupto, sem ponto de partida e/ou de chegada, o sujeito se constitui ou tenta constituir as especificidades de sua escritura mediante uma ação/reação e, ainda, “recolecção” das coisas ditas, atualização/ere(atualização) de suas inscrições ideológicas, sociais, históricas e, ainda, delineando as singularidades de seu olhar, ora identificando, desidentificando e/ou contra-identificando com esta ou aquela particularidade.

Os termos identificação/desidentificação e/ou contra-identificação são tomados na acepção dada por Pêcheux (1997) de que o sujeito ao ser interpelado, ao se constituir sujeito o é ora identificando/(des)identificando e/ou contra-identificando com esta ou aquela inscrição histórica, social, ideológica e política. Desse modo, Carolina, enquanto sujeito-autor, não raras vezes se desidentifica com o quarto de despejo e sonha com a sala de estar ou ao menos com uma casa de alvenaria, um lar decente e comida farta para alimentar seus rebentos. Outras vezes se desidentifica com as especificidades de um governo que faz vista grossa para as necessidades dos pobres e, em muitos outros momentos, se contra-identifica com os próprios moradores do quarto de despejo¹³

(21) ...Cheguei em casa, fiz o almoço. Enquanto as panelas fervia eu escrevi um pouco. Dei o almoço as crianças, e fui no Klabin catar papel. Deixei as crianças brincando no quintal. Tinha muito papel. Trabalhei apreensiva e agitada. A minha cabeça começou a doer. Elas costumam esperar eu sair para vir no meu barracão expandir os meus filhos. Justamente quando eu não estou em casa. Quando as crianças estão sosinhas e não podem defender-se. (QD, p.20)

Nesse sentido, Carolina se vale de textos lidos (como Casimiro de Abreu, Castro Alves, Victor Hugo, Gonçalves Dias), das experiências do catar do favelado e rascunha os relatos dos dias enviesados de lirismo, alinhavados com as cores primárias do senso de justiça

¹² -Ao registrar os dias, o sujeito autor faz um recorte daquilo que acredita ser digno de nota, por isso o vocábulo recorte fora utilizado aqui com essa acepção, quer seja, recortar no sentido de escolher o que possivelmente seria digno de relato, anotação, destaque.

¹³ - No decorrer deste artigo, sobretudo nesse parágrafo, quarto de despejo é uma metáfora utilizada por Carolina e seguida por nós como sinônimo de favela. No transcorrer da obra **Quarto de Despejo – diário de uma favelada** a autora entremostra seu singular descontentamento com o quarto de despejo (a favela) e nos faz pensar sobre o que habilmente levamos para esse quarto de despejo; para o quarto de despejo de nossa casa, de nosso bairro, de nossa cidade, de nosso país. A sala de estar é tomada pelo sujeito-autor como o lugar confortável da cidade, em que há casas bonitas, gente bem cuidada e bem vestida. “Os políticos só aparece aqui no quarto de despejo, nas épocas eleitorais.” (QD, p.46)

apuradíssimo do sujeito em sua função de autoria e, cerzidos com as cores do viver dos moradores da favela (cor roxa, cor da amargura que envolve os favelados), como se pode entrever nos enunciados abaixo:

(22) Eu sou muito alegre. Todas manhãs eu canto. Sou como as aves, que cantam apenas ao amanhecer. De manhã eu estou sempre alegre. A primeira coisa que faço é abrir a janela e contemplar o espaço. (QD,p.26-27)

(23) Todos tem um ideal. O meu é gostar de ler. (QD,p.27)

(24)... Chegou o esquife. Côr roxa.Côr de amargura que envolve os corações dos favelados. (QD, p.34)

(25) O que o senhor Juscelino tem de aproveitavel é voz. Parece um sabiá e a sua voz é agradavelaos ouvidos. E agora, o sabiá está residindo na gaiola de ouro que é o Catête. Cuidado sabiá, para não perder esta gaiola, porque os gatos quanto estão com fome contempla as aves nas gaiolas. E os favelados são os gatos. Tem fome. (QD,p.35)

(26)_Pois é. A senhora disse-me que não ia mais comer as coisas do lixo. Foi a primeira vez que vi a minha palavra falhar. Eu disse:

_ É que eu tinha fé no Kubistchek.

_ A senhora tinha fé e agora não tem mais?

_ Não, meu filho. A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso paiz tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos fraquissimos. E tudo que está fraco, morre um dia. (QD, p.39)

Em uma leve aproximação com Foucault(2009),poderíamos indagar que sob a pauta cotidiana da pobreza, das misérias e da luta diária pela sobrevivência, (des)vela-se um entrelaçamento de jogos políticos, ideológicos, sociais, históricos e econômicos em **Quarto de Despejo – diário de uma favelada**. De tal modo, segundo esse autor: “[...] uma cadeia política inteira vem entrecruzar-se com a trama do cotidiano” (2009, p.115). Nesse sentido, “o mal minúsculo da miséria e da falta venial já não é remetido ao céu pelo segredar quase inaudível da confissão; acumula-se na terra sob a forma de traços escritos”. (FOUCAULT,2009, p.112). Os escritos de Carolina Maria de Jesus são reveladores desta tentativa de preservar os dias, anotá-los para o devir;retê-los para a posterioridade. A trama do cotidiano não ficou restrita, no caso da presente autora, aos escaninhos do esquecimento de um relato/confissão, ao revés, se fez matéria/mote constituinte de um livro que se tornaria na década de 1960 um sucesso editorial, superando, em um só dia, autoresintitulados canônicos,como Jorge Amado.

Em conformidade com o título do presente artigo: “No ensaio da escrita de si: a escritura rasurada de Carolina Maria de Jesus”, delinea-se uma tessitura que focaliza a miséria, a vida indigna de homens e mulheres sem ventura/desafortunados que vivem nos escombros do quarto de despejo e de lá espiam e aspiram uma e por uma vida melhor, mais digna e menos desumana.

vida de baixo, ou melhor, as vidas dos moradores do quarto de despejo se constituem em assunto para a escrita de um sujeito em posição de autoria que ambiciona alçar as estórias da escassez, da marginalidade, da pobreza ao rol de um livro/diário publicável. Entenda-se, aqui, conhecido, possível de ser lido, passível de ser editado e, seguramente, na visão de um sujeito em função de autoria e de narrador e, ainda, personagem, carregado de verdes sonhos e de fartas

esperanças de um dia ver o fruto colhido, assim como a fruta romã que espera pelo tempo de amadurecer.

Desse modo, senão pelas mesmas e singulares inscrições e circunscrições das especificidades que constituem a vida dos homens infames, em alusão também ao texto de Foucault, mas não somente, a escrita de si (do sujeito autor)utilizada aqui, quer seja, de Carolina Maria de Jesus, se faz notar nas singularidades das vidas sem feitos ditosos, sem grandes gestos, sem vitórias ou feitos nobres. Trata-se da vida como ela é, na sua pequenez, na sua mesmice, na sua falta de notoriedade, tanto assim o é, que o diário de Carolina também se vale desta inalterabilidade não só nos excertos iniciais de cada dia vivido e anotado, como também no mote para constituir o diário. Os dias são uma repetição da falta de ventura, das adversidades dos favelados. Nesse caso, o último dia do diário, quer seja, 1 de janeiro de 1960: “Levantei as 5 horas e fui carregar água.” (QD,p.182), facilmente pode ser, como efeito cíclico, o reinício dos primeiros dias anotados/preservados, a saber: 16 de julho de 1955: “Levantei. Obedeci a Vera Eunice. Fui busca água.” (QD, p.13). A labuta do sujeito-personagem é sempre a mesma: buscar água, realizar a refeição para os filhos e ir catar papel/lixo.

(27) Despedi-me e retornei-me. Cheguei em casa, fiz o almoço.Enquanto as panelas fervia eu escrevi um pouco. Dei o almoçoas crianças, e fui no Klabin catar papel. Deixei as crianças brincando no quintal. Tinha muito papel. Trabalhei depressa pensando que aquelas bestas humanas são capás de invadir o meu barracão e maltratar meus filhos. Trabalhei apreensiva e agitada.(QD, p.20)

O sujeito em posição de autoria decide contar a sua sina e a de seus irmãos de cor, sob o discurso miserável alinhava uma ‘escrita de si’ singular que para além de revelar as injustiças sociais também (des)vela as agruras dos favelados e, ainda, delata ou ameaça apontar as ações infames de muitos moradores da favela.

(28) Tem a Maria José, mais conhecida por Zefa, que reside no barracão da Rua B numero 9. É uma alcoolatra. Quando está gestante bebe demais. E as crianças nascem e morrem antes dos dozes meses. Ela odêia-me porque os meus filhos vingam e por eu ter radio. Um dia ela pediu-me o radio emprestado. Disse-lhe que não podia emprestar. Que ela não tinha filhos, podia trabalhar e comprar. Mas, é sabido que pessoas que são dadas ao vicio não prosperam. Ela as vezes joga agua nos meus filhos. Não sou dada a violência. (QD, p.18)

(29) Fui catar papel e permaneci fora de casa uma hora. Quando retornei vi varias pessoas as margens do rio. É quelá estava um senhor inconciente pelo alcoole os homens indolentes da favela vasculhavam osbolsos. Roubaram o dinheiro e rasgaram os documentos. (QD, p.18)

(30)Estive revendo os aborrecimentos que tive esses dias (...) Suporto as contingências da vida resoluto. Eu não consegui armazenar para viver, resolvi armazenar paciência. (QD, p.19)

E, então, outra vez mais, nos faz operante os dizeres de Foucault (2009, p.117): “O insignificante deixa de pertencer ao silêncio, ao rumor passageiro ou à confiança fugaz” ganha o estatuto de legitimidade, de autoria e, na trivialidade e mesquinhez dos dias, esboça-se, esquadrinha-se, alinhava-se uma ‘escrita de si’ (des)veladora dossobejos humanos. Todas

aquelas coisas que constituem o ordinário, o comum, o pormenor insignificante para os frequentadores da sala de estar, a obscuridade, os insípidos dias ‘devem ser ditas, - mais escritas’.

Sefaz produtivo lembrar que este discurso miserável, ordinário (comum), infame só fora possível, segundo Foucault (2009), porque estava invariavelmente, ao menos na França, durante um século, entrelaçado à figura do poder, no caso do monarca, ainda que virtualmente por meio das *lettres de cachet*. Quase na mesma configuração, o relato de Carolina Maria de Jesus também só fora possível porque havia e houve, na época, toda uma preparação para receber os relatos dos dias miseráveis de uma favelada. Havia um intitulado movimento de popularização no país e nada mais convincente que mostrar a favela por ela mesma, quer seja, por uma favelada. Dois anos antes da publicação de **Quarto de Despejo**, Audálio Dantas, o jornalista que pontuou e editou o livro, veiculava, espaçadamente, notas em jornal sobre uma catadora de lixo e moradora da favela do Canindé que também escrevia.

Destarte, quando acima recorremos ao vocábulo preparação, estávamos nos atentando para este jogo do mercado editorial – lançar/divulgar notas esporádicas aqui e ali para arregimentar o terreno em que dois anos depois seria palco para os holofotes de **Quarto de Despejo – diário de uma favelada**(1960).

Em conformidade com os postulados foucaultianos (2009, p.116):

com o dispositivo das petições, das *lettres de cachet*, do internamento, da polícia, vai nascer uma infinidade de discursos que atravessam em todos os sentidos o quotidiano e se encarregam, mas de um modo completamente diferente da confissão, do mal minúsculo das vidas sem importância.

Nas artimanhas do poder também se (des)vela as brigas entre vizinhos, as intrigas entre os familiares, as mazelas escancaradas e tatuadas no rosto de cada um dos favelados, as paixões secretas e/ou públicas, os rastros de dor, os abusos políticos e as conspirações dos governos e fornecedores para elevarem o preço deste ou daquele alimento, enfim, os grandes excessos, os desentendimentos, as intrigas se constituem em pauta, aliás, em ingrediente para que a escritura rasurada de Carolina Maria de Jesus tome corpo, assuma forma e estabeleça a relação uníssona entre poder e discursividade, entre exterioridade e interioridade, entre o espaço privado (o quarto de Carolina e suas anotações diárias) e o espaço público, o Quarto de Despejo – na acepção de favela, daquilo que, fatalmente, se levaria para o quarto de despejo – metáfora dos desvalidos, dos desafortunados, dos cacarecos, dos badulaques, dos desditos, dos sem utilidade premente/evidente.

Por outras palavras ou senão pelas mesmas, retomamos, igualmente, os enunciados foucaultianos (2009, p.117):

Que na ordem quotidiana pudesse haver qualquer coisa como um segredo a desvendar, que a insignificância pudesse ser, de certa maneira, importante, tal permaneceu excluído até que viesse pousar, nessas turbulências minúsculas, o alvo olhar do poder.

Talvez por esta razão se possa justificar o interesse dos diversos públicos, tanto nacional, *a priori*, quanto internacional pelas singularidades, pelas vidas minúsculas e desditosas dos favelados – personagens singulares do diário de Carolina Maria de Jesus e, ainda, talvez pudéssemos indagar, por que após o sucesso editorial, seguiu-se um silenciamento total para autora e obra? Esta é uma questão que não poderá ser, por ora, respondida, dadas às limitações espaço-temporal de um proposta de artigo, contudo, a

indagação permanece como um eco a nos instigar em outros trabalhos de fôlego, a saber, uma tese de doutoramento.

Se a linguagem é fadada ao equívoco, à opacidade, à não transparência, sujeito e sentidos estão, intrinsecamente, correlacionados com a língua e com a história; já que por trás das palavras ditas, o não-dito produz sentidos que não podem ser controlados e que não se encerram em si. Como sujeito-pesquisadores e analistas do discurso não temos a ilusão de completude (na acepção dada por Pêcheux – 1997) de achar que seremos compreendidos pelo que estamos a dizer, tal o qual estamos dizendo; pois que toda leitura, como outrora, já dissera Orlandi (2001b), está sujeita a gestos de interpretação. Dessa forma, este artigo que ora se esquadrinha é a tentativa de realização de um gesto de leitura sobre a obra **Quarto de Despejo**, de Carolina Maria de Jesus, dentre tantos outros possíveis.

Contudo, insistimos, ainda, enquanto uma voz que se intitula pertencente a um sujeito-pesquisador analista do discurso e, correndo todos os riscos de que não seremos/sejamos compreendidos tal e qual ambicionaríamos/desejamos e/ou teríamos a falsa ilusão de completude de pensar que sim, ocorre-nos que bosquejar como se dá ‘a escrita de si’ por intermédio das/nas fissuras dos cadernos encardidos é pontuar, sobremaneira, como se estabelece a relação plurivocal dos sujeitos, já que, conforme pontuara Bakhtin (2008), o sujeito é polifônico – constituído por outras vozes. Outros dizeres falam/ressoam no dizer um de um sujeito que é multifacetado e inacabado, marcado por inscrições várias e por diversas circunscrições sócio-políticas, ideológicas e culturais e é ainda constituído por uma exterioridade que traceja os possíveis contornos de dado sujeito.

Assim, por ora, cumpre evidenciar o desenho teórico do presente artigo que recorreu e recorrerá a uma base fundada na ‘escrita de si’, a saber, nos estudos foucaultianos, especialmente, os textos “O que é um autor?”, “A escrita de si”, “A vida dos homens infames”, e uma base referencial balizada por Bakhtin (1997), sobretudo, ao tratarmos do sujeito atravessado por outras vozes, um sujeito polifônico. E, como base complementar, cotejaremos a ‘escrita de si’ alicerçados sobre os trilhares de Blanchot (2005) ao discorrer sobre as singularidades dos diários.

Segundo Foucault (2006, p.131) “a pedra de toque: ao trazer à luz os movimentos do pensamento, dissipa a sombra interior onde se tecem as tramas do inimigo.” O sujeito na posição de autoria ambiciona pontuar os dias, anotá-los com o legítimo desejo de preservá-los e também preservar a si mesmo da solidão, da miséria e até mesmo da loucura. Escreve para preservar não somente os dias repetíveis nas misérias, nas injustiças, mas efetivamente, porque sonha/ambiciona deixar um legado do seu tempo, visto pelas singularidades de uma função autor, chamuscada pelas contradições de um sujeito permeado por tantos outros “eus”. O referido autor ainda acrescenta que: “[...] o facto de se escrever para si e para outrém – só tardiamente – tenha começado a desempenhar um papel considerável.” (FOUCAULT, 2009, p.132).

Foucault (2009, p.143-144) acresce que:

O papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, “um corpo” (*quicquidlectione collectum est, stills redigat in corpus*). E, este corpo, há que entendê-lo não como um corpo de doutrina, mas sim – de acordo com a metáfora tantas vezes evocada da digestão – como o próprio corpo daquele que, ao transcrever as suas leituras, se apossou delas e fez sua a respectiva verdade: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida “em forças e em sangue” (*in vires, in sanguinem*). Ela transforma-se, no próprio escritor, num princípio de acção racional.

Em contrapartida, porém, o escritor constitui a sua própria identidade, mediante essa recollecção das coitas ditas.

Ao elucidar sobre a correspondência em paralelo com os Hypomnemata, Foucault (2009, p. 145) também traz a singularidade desta escritura que ao interpelar um outro, ao se dirigir ao outro também o faz sobre aquele que a escreve.

A carta enviada actua, em virtude do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como actua, pela leitura e a releitura, sobre aquele que a recebe. Esta dupla função faz com que a correspondência muito se aproxime dos hypomnemata e com que a sua forma frequentemente lhes seja muito vizinha.

Os estudos foucaultianos, especialmente, o texto **O que é o autor?**, problematizam a categoria intitulada sujeito e a sua singular e, irrestrita, correlação com a escrita. Colocam em questão o que seria da ordem do imponderável, do não categorizável e, por isso mesmo, paradoxalmente, digno de nota: a questão da autoria, entre tantas outras funções/posições possíveis para o sujeito. O sujeito que é cindido, incompleto e pode assumir inúmeros nomes, e “entre eles o de autor”. (CASCAIS & MIRANDA, 2009, p.8 prefácio ao texto **O que é um autor?**).

Deste modo, ainda que, minimamente, este artigo procurou esquadrihar a escrita rasurada em **Quarto de Despejo** entremostrando que, ao procurar esboçar a figura insólita e escorregadiça do sujeito, se envereda por um caminho onde se faz imperioso desconstituir este sujeito, torná-lo passível de um corpo, por intermédio da ‘escrita de si’, do gesto de juntar ainda que, equivocadamente, as duas pontas e/ou tantas e tantas pontas de um novelo que ao se constituir, se desconstitui, ao se inscrever e escrever ‘a escrita de si’, se perde e se encontra pela e nas malhas/nos labirintos/nas paralelas de uma materialidade linguística que ao se mostrar também se esconde, ao se apresentar, também se dispersa, no tecido movediço denominado ‘escrita de si’.

vez por isso, ao referendar a obra de Foucault **O que é um autor?** Cascais & Miranda (2009, p.09) tenha recorrido à metáfora das paralelas utilizada pelo próprio Foucault em lançamento de outra coleção denominada “Vidas Paralelas”: “*As paralelas, bem sei, são feitas para se encontrarem no infinito. Imaginemos outras que divergem indefinidamente. Sem ponto de encontro, nem lugar para se reunir.*” Desse modo, a exemplo do que propõe Foucault sobre o que seria a figura do autor (sendo, conforme já fora dito, a instância/a posição assumida por um sujeito, dentre tantas outras aceitáveis) de que é esta possibilidade de ser atribuído um estatuto, uma punição a sua figura e, ainda, de ser observado/identificado regularidades tais no corpo da escrita que indicassem essa figura insólita do autor.

sim, este artigo intitulado: “No ensaio da ‘escrita de si’: a escritura rasurada de Carolina Maria de Jesus” tentou elencar as singularidades da ‘escrita de si’, especialmente, por intermédio do gênero discursivo diário íntimo e, ao fazê-lo, eis que, uma vez mais estamos tentando, corajosamente, delinear as especificidades da escritura caroliniana e, por ora, tão impetuosamente, indagamos, as paralelas podem ou não se juntar lá adiante? Haveria, pois, um ponto de encontro entre duas retas: autor e obra, o problema da subjetividade e a (im)possibilidade de se instituir um método para tratar a figura do autor, já que à revelia deste mesmo autor, ela (a posição sujeito) escapa por entre os dedos, é movência, deslocamento, pluralidade de vozes que se perdem e, concomitantemente, ressoam na materialidade discursiva que ora elegemos, no presente artigo, a saber: a obra **Quarto de Despejo**, já que Foucault insiste, sobretudo, nos últimos anos que antecederam à sua morte, de que a escrita talvez seja essa possibilidade de se poder denegar, destruir, banalizar, trivializar e até mesmo salvaguardar a própria escrita, o próprio gesto do sujeito que ao anotar os dias tenta preservá-lo dos baús plúmbeos da memória.

A propósito, seguindo as considerações foucaultianas bem delineadas nas linhas do livro **O que é um autor?**, bem como nas folhas que antecedem a este e atribuídas aos prefaciadores do presente livro: mais vale o projeto de empreender uma tentativa de rascunhar uma ‘escrita de si’, portanto acreditar-se no gesto de superar que nas próprias superações; “a própria escrita (grafia) é um gesto da vida, e que, se a pode negar, destruir, banalizar, também a pode ‘salvar’”. (2009, p.8-9). Talvez no exercício de catar o lixo e salvaguardar os dias vividos haja no corpo de **Quarto de Despejo** projeto social, literário e filosófico do sujeito autor Carolina Maria de Jesus de proteger-se da própria solidão, salvar-se da loucura, defender-se da miséria que consome os sonhos e os engaveta nos escaninhos obscuros da memória.

Como indagações finais e que não se encerram com a proposição desta leitura, deste gesto de interpretação, faríamos nossas as palavras de J.Ullmo¹⁴ (2009, p.87):

Onde é que se encontra o que especifica um autor? Bem, o que especifica um autor é justamente a capacidade de alterar, de reorientar o campo epistemológico ou o tecido discursivo, como formulou. De facto, só existe autor quando se sai do anonimato, porque se orientam os campos epistemológicos, porque se cria um novo campo discursivo que modifica, que transforma radicalmente o precedente.

Carolina Maria de Jesus – enquanto posição sujeito – desestabilizou o posto, se permitiu ir além do quarto de despejo, ousou um atrevimento: possuir uma casa de alvenaria¹⁵, considerado na época um atrevimento de negrinha metida, arrombou a literatura da ocasião, nos dizeres de Marisa Lajolo, provocou fissuras no meiojornalístico e ainda que não tenha sido considerada uma autora da ordem do cânone, desestabilizou o posto e fundou uma discursividade outra para além do cânone. Inventariou um legado que lhe permitiu escrever diversos gêneros discursivos, teatro, poemas, canções, cartas, novelas, diários (o conhecido), dentre outros.

Carolina sai do anonimato, desestabiliza, quebra regras, ainda que seja e tenha o intuito de seguir a norma considerada padrão, a norma culta, incomoda por não ser possível imputar-lhe uma categoria, uma etiqueta. Carolina fere todas as etiquetas intituladas e bravamente rotuladas como aceitáveis para ser considerada uma escritora: ser escolarizada, ter formação clássica e vir de uma camada social mais abastada. Carolina – enquanto sujeito empírico – é negra, favelada, pobre, mãe solteira, semi-escolarizada, descendente de escravos e leitora autodidata. Assim, reciclava lixo e ao reciclá-lo entrevia uma realidade outra, acreditava no poder da escrita como forma de anotar os dias e preservá-los do esquecimento. Tentava, ainda, registrar as lambanças de seus irmãos de cor e apontar os deslizos deste e daquele governante. Tinha uma coragem para além do prontamente esperado, ao reciclar lixos, mantinha o desejo de um dia mudar o curso da história, separava lixo e trocava por gêneros alimentícios em uma época que nem se falava em reciclagem. Resgatou e preservou

¹⁴ - O livro de Foucault **O que é um autor?** é resultante de uma seleção de textos do autor reunidos sobre a problemática do sujeito e a sua relação com a escrita. Trata-se de uma das suas inúmeras conferências proferidas e traz a participação de alguns debatedores/mediadores, entre eles: Maurice de Gandillac, Lucien Goldmann, J. Ullmo que realizaram algumas contribuições/questions durante a conferência que resultou nesse livro.

¹⁵ - Casa de Alvenaria está sendo usado aqui em duplo sentido: o primeiro deles, talvez mais premente, é a casa de alvenaria conquistada por Carolina com a vendagem do seu primeiro livro lançado, a saber: **Quarto de Despejo –diário de uma favelada (1960)** e, na segunda acepção, também se refere a outro livro bancado, desta feita pela própria autora com o dinheiro ganho na edição de Quarto de Despejo. Livro que não recebeu os acenos tanto de público, quanto de mídia e, ainda, do meio acadêmico como uma grande promessa empreendida por Carolina. Assim, tanto a autora como os livros publicados após seu best-seller **Quarto de Despejo** foram fadados ao esquecimento.

seu instinto primeiro de escriturar e inventariar o que é e seria da ordem do não inventariável: a vida infame dos homens comuns. E se sua 'escrita de si' abespinha-se é também porque desestabiliza o posto, esfolta regras, funda um novo campo discursivo e ousa falar da vida cotidiana com todas as suas singularidades, com toda a precariedade e inalterabilidade dos dias, em que vida privada e pública se entrelaçam no quarto de despejo (espaço privado, o quarto de Carolina), mas contracenam aos olhos de todos os favelados, no meio da favela (no quarto de despejo, espaço público), no centro paupérrimo do descaso e dos desvalidos... lá onde jorram todas as estórias e escórias da cidade, quiçá do país.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. 4ª edição, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2008.
- _____. **Estética da criação verbal**. 2ª edição.1997. São Paulo, Martins Fontes.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7ª edição. São Paulo: Hucitec, 1995
- BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CASCAIS, Antônio Fernando & MIRANDA, José A. Bragança de. "A lição de Foucault". Prefácio da obra **O que é um autor?**, Lisboa, Passagens, 2009
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª edição. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2008
- _____. **O que é um autor?**, Tradução de Antônio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa, 7ª edição, Passagens, 2009
- _____. *A vida dos homens infames*. In: **O que é um autor?**, Lisboa, 7ª edição, Passagens, 2009
- _____. *A escrita de si*. In: **O que é um autor?**, Lisboa, 7ª edição, Passagens, 2009
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo – diário de uma favelada**. V. 1 da Coleção Contrastes e Confrontos. Oficinas Gráficas de Linográfica Editora Ltda.1960, São Paulo, 182 p.
- _____. **Antologia Pessoal**. Org. de José Carlos Sebe Bom Meihy; [revisão de] Armando Freitas Filho. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.
- _____. **Diário de Bitita**. Sacramento, 2ª edição, Bertolucci, 2007.
- LAJOLO, Marisa. *Poesia no quarto de despejo, ou um ramo de rosas para Carolina*. In: **Antologia Pessoal**. Org. de José Carlos Sebe Bom Meihy; [revisão de] Armando Freitas Filho. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.
- MATHIAS, M.D. Autobiografias e diários. In: Revista Colóquio/Letras. Ensaio, nº143-144, janeiro 1997, p.41-62. Disponível em: <http://coloquio.gulbendian.pt/sirius.exe/explore>. Acesso em: 29 de dezembro de 2011.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *O inventário de uma certa poetisa*. In: **Antologia Pessoal**. Org. de José Carlos Sebe Bom Meihy; [revisão de] Armando Freitas Filho. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.
- _____. **Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio**. Biblioteca Virtual de Direitos Humanos da USP. Texto disponível em: <http://cefetsp.br/edu/eso/cidadania/meihysp.html>. Acesso em 24/06/2009.
- _____. Anos Dourados, Mulheres Malditas, Diários Esquecidos. Carolina Maria de Jesus e Maura Lopes Cançado. Texto disponível em; www.2dbd.puc_rio.br/pergamum/.../06610454_08_postextual.pdf. Acesso em: 07 de agosto de 2009.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 3ª edição Campinas, S.P: Pontes, 2001a

_____**Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001b.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Trad, Eni Puccinelli Orlandi. Et al. Campinas, S.P: Editora da UNICAMP, 1997.

SOUSA, Germana Henriques Pereira de. **Carolina Maria de Jesus – o estranho diário da escritora vira-lata.** Tese de Doutorado. Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 262p. 2004